

Etnoecologia da fauna na escola da comunidade quilombola de Jacarequara, Santa Luzia do Pará, Pará

Ana Beatriz da Conceição Pereira¹
Valéria dos Santos Moraes-Ornellas²

Resumo

As comunidades quilombolas têm importante papel social, especialmente na preservação de valores e da identidade sociocultural dos afrodescendentes e na conservação da biodiversidade. Visando entender como diferentes gerações do quilombo de Jacarequara, Santa Luzia do Pará, se relacionam com a fauna silvestre, um trabalho foi desenvolvido com a infância local. O presente artigo descreve alguns processos de construção da identidade quilombola observados, relacionando-os com a ressignificação de costumes e valores, como ato de fortalecimento, preservação das tradições e valorização dos povos de quilombo. A pesquisa procurou conhecer a história da comunidade e sua situação atual, através de entrevistas semi-estruturadas, observação participante e pesquisa ação, entre dezembro de 2019 e dezembro de 2023. Foi realizada uma sequência didática na escola do quilombo, a fim de causar interações entre o projeto de pesquisa ecológica cultural voltado aos adultos e o ensino das gerações mais novas. Tal proposta educativa foi afroreferenciada, apoiando-se nas orientações legais da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). As crianças mostraram interesse e aceitação da ação pedagógica em torno da biodiversidade, a partir da qual foi possível fazer uma aproximação entre conteúdo da disciplina de Ciências e o contexto local. Elas demonstraram conhecer algumas etnoespécies da fauna nativa, além de terem expressado sentimentos de pertencimento para com o território e consciência da necessidade de cuidar da natureza. Ficou evidente ser necessário contextualizar o ensino para que a memória biocultural quilombola não se perca, estimulando o interesse das crianças pela conservação da biodiversidade e das tradições do quilombo.

Palavras-Chave: Conhecimento tradicional quilombola; conservação da natureza; etnobioidiversidade; fauna silvestre.

1. Introdução

O processo histórico-cultural das comunidades quilombolas se caracteriza por conquistas nas relações de resistências e por fortalecimento sociocultural das populações afrodescendentes. Esses territórios são frutos da luta coletiva contra o sistema opressor e escravagista desenvolvida no país brasileiro. Eles representam a forma de luta mais importante contra a escravização de pessoas negras, estabelecida a partir das invasões ultramarinas “dos vastos e diferentes territórios que os europeus chamaram de América” (Berger; Nery, 2022, p. 16). São também os remanescentes de povos que construíram as fundações socioeconômicas do país, enquanto “uma enorme fraude teórica e ideológica” era articulada com a finalidade de garantir a supremacia econômica, sociocultural e política branco-minoritária, de conteúdo e consequências racistas – discriminatória e segregacionista (Nascimento, 1980). Tal articulação

¹ Licenciada em Ciências Naturais; Universidade Federal do Pará; Bragança, Pará, Brasil; anabeatrizpereiraconceicao@gmail.com.

² Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento; Universidade Federal do Pará; Altamira, Pará, Brasil; vsornellas@ufpa.br.

fez com que, apesar das lutas sociais e territoriais, estes sujeitos negros, tão ligados a uma história compartilhada de resistência e exploração, mesmo tendo conquistado a abolição da escravidão, não obtivessem a completa garantia dos seus direitos em definitivo, ficando à mercê da sociedade e de práticas desumanas (Salomão; Castro, 2018).

Com o desenrolar da história brasileira, intensificaram-se certos desafios que merecem ser pautados e trabalhados para o fim do preconceito racial, da discriminação e de qualquer ato que venha impor-lhes algum tipo de restrição. O período da escravidão no Brasil, acompanhado das fugas, foi marcado por grandes adversidades enfrentadas pelos quilombolas, possibilitando haver a formação de sua própria história, como também da sociedade brasileira. A existência dessas populações torna necessário que se lhes garanta o direito à terra e à cidadania, como parte da identidade e da preservação etnocultural (Leite, 2000) e da valorização de patrimônios alimentares saudáveis e sustentáveis (Silva, 2022). Os remanescentes de quilombos são vozes da resistência, pois permitem valorizar suas tradições, fortalecendo os costumes atuais e garantindo a manutenção da etnodiversidade. O fortalecimento dessas comunidades perpassa gerações, sendo seus conhecimentos possíveis de serem compartilhados, estabelecendo conexões como parte do processo histórico-cultural, com grande importância no âmbito social (Furtado; Pedroza; Alves, 2014).

A identidade étnica é a essência que ressignifica e transforma os fundamentos, relacionando suas particularidades aos sujeitos pertencentes àquele ambiente. Essa identidade, ao ser conceituada, reflete em vários aspectos, e estimula na valorização dos indivíduos, podendo-se afirmar que: “ser quilombola nos dias atuais significa ressemantizar no presente uma luta histórica de conquista, de permanência ou de retorno a uma territorialidade, e uma luta futura, para a permanência e vivência dos grupos” (Marques, 2009, p. 363). A relação de pertencimento, seja em determinado grupo ou mesmo no espaço territorial, caracteriza a expressão da própria identidade étnica e da territorialidade, como fonte de fortalecimento e construção coletiva que existe entre povos quilombolas. Nestes espaços, eles/as se confrontam, se relacionam e desenvolvem medidas em prol da cidadania e do bem comum (Schmitt; Turatti; Carvalho, 2002). A importância de tais territórios reflete fortemente no que tange à construção étnico-racial, naquilo que são e buscam desempenhar por meio de suas práticas e vivências cotidianas (Oliveira; Peixoto, 2020).

Nesse sentido, em se tratando das manifestações de aspectos etnoculturais africanos, tais comunidades tradicionais podem recontar a história de como se deu a estruturação e o desenvolvimento do quilombamento. Os remanescentes dos chamados quilombos, também conhecidos e denominados como “mocambos”, “comunidades negras rurais”, “quilombos

contemporâneos”, “comunidades quilombolas” ou mesmo “terras de preto” são marcas registradas da presença dos povos originários, que viveram e promoveram modos tradicionais e culturais dentro de suas terras (Anjos, 2003). São espaços com diferentes denominações, mas também com o mesmo significado, ou seja, trata-se de conjuntos de patrimônios territoriais e culturais de valor inestimável, apesar das limitações nas políticas públicas que ainda persistem (Marques; Bernardes; Borsagli, 2022).

Por meio desses povos, muitos costumes trazidos da África são mantidos e fortalecidos, diversificando suas práticas, seja na medicina tradicional, religião, artesanato, agricultura, dentre tantas outras relações comunitárias, utilizando-se da terra. Tal conexão entre sujeito e natureza integra-se nos registros pela memória, podendo ela ser individual ou mesmo coletiva, permeando a diversidade dos saberes e conhecimentos tradicionais quilombolas (Malcher, 2006). Ao preservarem seus costumes e modos de vida, essas comunidades contribuem com a etniodiversidade e com a riqueza de práticas culturais da sociedade (Diegues, 2008; Marques-Filho, 2024). Seus valores, interligados às relações de bioculturalidade, precisam ser compreendidos, como parte do patrimônio que define o que é o quilombismo.

Isso porque em se tratando da cultura quilombola, no âmbito social, ela se manifesta por meio de costumes, hábitos e modos de sobrevivência, onde os valores e princípios estão vinculados de forma simbólica e de maneira afetiva aos grupos existentes (Furtado; Pedroza; Alves, 2014). Esses são povos que criam e recriam no cotidiano relações de fortalecimento e cuidado com seu patrimônio territorial. Em tal patrimônio, integram-se os saberes com práticas de conservação ambiental e cultural (Oliveira; Peixoto, 2020; Silva, 2022). “O território seria, portanto, uma das dimensões das relações interétnicas, uma das referências do processo de identificação coletiva. (...). Enquanto tal, pode ser visto como parte de uma relação, como integrante de um jogo. Desloca-se, transforma-se, é criado e recriado, desaparece e reaparece” (Leite, 1990, p. 40). Compreende-se que, a partir destas relações, estes sujeitos se estruturam, afirmam seus costumes, garantindo sua valorização e de suas organizações sociais e econômicas.

É por meio de sua valorização que a cultura negra se destaca, sendo pactuada através de valores e princípios, sejam eles coletivos e comunitários, que estabelecem relações de permanência e cuidado com o patrimônio territorial (Cunha-Júnior, 2012). Os povos remanescentes de quilombos, além de desenvolverem algumas práticas herdadas de seus antepassados, compartilhando os saberes étnicos, naturais e tradicionais, realizam construtivamente a preservação dos recursos naturais ainda presentes nas áreas ocupadas por suas populações (Marques-Filho, 2024). Eles usualmente defendem as ações que são destinadas

à conscientização e à relação com sua ecologia cultural. São, portanto, fundamentais estudos e ações que proponham resistência à exclusão dos modos de vida quilombolas pelas políticas públicas, à carência de uma educação alinhada às práticas tradicionais das comunidades e a revalorização dos elos subjetivos com a natureza (Moraes-Ornellas; Santos; Fernandes, 2023).

Inserida em tal contexto étnico cultural, a comunidade quilombola do Jacarequara, localizada no município de Santa Luzia do Pará, destaca-se por suas características e práticas relacionadas ao meio natural, seja com relação aos animais silvestres e às plantas, como também de subsistência, estando elas agregadas aos variados costumes. Estes espaços são marcados pelo contato com a terra, onde se produz uma agricultura familiar capaz de fortalecer e promover métodos para garantia da sobrevivência e de atividades econômicas. De maneira semelhante, descreve-se que, no quilombo de Bailique Centro - PA, seus membros se mantêm organizados e se relacionam com o ambiente natural. Isso se dá a partir do desenvolvimento de projetos e atividades exercidas com a agricultura familiar e seus manejos, os quais geram uma economia que os possibilita estabelecer, além de renda, a colaboração em prol de um equilíbrio ambiental e um ambiente sustentável (Borges; Silva; Rodrigues, 2021). Essa relação com o meio reflete positivamente na construção do conhecimento, de saberes culturais e ambientais, permitindo haver o cuidado com os alimentos, sendo estes de qualidade e produzidos segundo critérios de sustentabilidade ecológica, melhorando assim a vida das populações (Silva, 2022; Ferreira-Alves; Santos-Fita, 2024).

O quilombo de Jacarequara, por manter tal contato de relação e aproximação com a diversidade de espécies, cria mecanismos próprios de interação com a fauna (Aviz; Santos-Fita, 2023), reconhecendo seus espaços, cultivando e respeitando o ambiente local. Em torno dessa bioculturalidade, pesquisas em ecologia cultural possibilitam a compreensão do processo de construção de saberes por meio de práticas estabelecidas ao longo da história local (Pereira; Moraes-Ornellas, 2022). Para este povo, atividades realizadas coletivamente na agricultura tem uma forte significância, já que há o envolvimento e compartilhamento entre homens e mulheres de uma relação com a terra, estabelecendo um aprimoramento na prática das atividades no roçado. Essa ligação entre os membros resulta em benefícios comuns a todos, pois o exercício da cooperação, seja entre familiares ou também nos mutirões, facilita o andamento das atividades comunitárias. Compreende-se que, dentro dessas localidades, em especial de Jacarequara, existam marcas que se referem à existência dos costumes, habilidades e formas de habitação dos seus moradores, valorizando aquilo que os circundam. Nesse âmbito, há a relação dos quilombolas com o ambiente, onde as plantas e os animais fazem parte da sua vivência cotidiana (Aviz; Santos-Fita, 2023; Ferreira-Alves; Santos-Fita, 2024). Os membros da

comunidade vêm mantendo vínculos de sobrevivência e de preservação dos recursos naturais ainda existentes, desenvolvendo projetos, de maneira cooperativa, em torno de agroecologia, memória biocultural e identidade quilombola (Pereira; Moraes-Ornellas; Ornellas, 2022).

A presença da cultura da caça no quilombo reflete principalmente a interação destes sujeitos com o meio natural, já que, desde os povos ancestrais, já a praticavam e usufruíam desses bens naturais. No entanto, ações de desmatamento e exploração ameaçam não só a biodiversidade, mas também a capacidade de aprender e conhecer os elementos da natureza. (Pereira; Moraes-Ornellas, 2022). Importantes aspectos dessa relação sociedade-natureza são perceptíveis na comunidade quilombola de Jacarequara, o que gerou o interesse em estabelecer relações de aproximação às suas realidades. Sendo assim, traçaram-se linhas de pesquisa por observação-participante, através da abordagem da ecologia cultural, visando compreender processos de construção da identidade étnica, socioecológica, histórica e cultural. Pretendeu-se, enfim, estudar a relação de tais processos com a resignificação dos costumes e valores, como ato de fortalecimento, de preservação das tradições e de valorização dos povos remanescentes de quilombo. O presente trabalho, fazendo uso de conhecimentos assim produzidos, pretende aprimorar a conservação do etnoconhecimento e da relação da comunidade quilombola com a fauna, trabalhando aspectos de tal relação na educação básica.

2. Material e Métodos

O presente estudo foi desenvolvido na comunidade quilombola de Jacarequara, localizada no município de Santa Luzia do Pará, às margens do Rio Guamá, na divisa do município de Capitão Poço – PA. Nesta localidade, concentram-se moradores, sendo eles: adultos, jovens e crianças, os quais detêm de uma rica coleção de conhecimento ecológico cultural tradicional (Pereira; Moraes-Ornellas, 2022). Historicamente, o quilombo denominado Jacarequara ficou assim conhecido pela existência de muitos jacarés que comumente ficavam expostos à luz solar, sob grandes pedras. Esse comportamento originou-se no que hoje se conhece como Jacarequara, a partir da presença abundante que havia de jacarés a “quarar” às margens do rio Guamá localmente (Vasconcelos; Job, 2014). A história da comunidade e sua situação atual foi relatada e/ou analisada criticamente pelos moradores, ao longo de uma pesquisa, realizada entre dezembro de 2019 e dezembro de 2023.

A coleta de dados nessa etapa se deu por entrevistas semi-estruturadas, observação participante e pesquisa-ação. As entrevistas semi-estruturadas foram orientadas por um formulário com perguntas abertas, sendo direcionadas aos moradores na forma de conversas informais. A observação participante aconteceu durante a estadia da primeira autora do

trabalho, que é nascida e residente no quilombo. Foram feitas anotações em diário de campo em torno do que foi observado. Partindo então das informações obtidas nessa etapa do trabalho, foi organizada uma lista de etnoespécies da fauna que, segundo os moradores, vivem no território do Quilombo e são caçadas. Os moradores foram divididos em: i) moradores mais velhos; ii) moradores que caçam. Informações sobre a forma de ocorrência da fauna silvestre foram organizadas de maneira esquemática, dando conformação a cartografias socioecológicas.

A seguir, tendo os dados da pesquisa já analisados, planejou-se a sequência didática que seria desenvolvida na escola, constituindo uma pesquisa-ação. A escola fica localizada dentro da comunidade, tendo sido proposta uma sequência didática com os discentes das turmas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Ela foi planejada criteriosamente, durante o período de realização das pesquisas, até que, a 8 de dezembro de 2023, houve sua execução. A intenção foi correlacionar teoria e prática, bem como trabalhar os conhecimentos tradicionais quilombolas com as crianças. A atividade teve por finalidade abrir espaço para a troca de experiências, possibilitando que fossem feitas aproximações de conteúdos escolares com a realidade local. Considerando sua relevância no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, buscou-se envolver os professores da rede pública na atividade proposta, com intuito de incentivá-los a compreender, analisar e refletir sobre seus métodos de ensino, nos quais podem contextualizar a interdisciplinaridade, através de conteúdos dinâmicos que tratam da realidade local e sociocultural. Portanto, na perspectiva de integrar os saberes tradicionais com a educação escolar, procurou-se potencializar elementos que agregam a biodiversidade e a ecologia cultural como um todo.

3. Resultados e Discussão

Ao todo, houve menção a 22 etnoespécies da fauna, que são caçadas na comunidade (Quadro 1). A maioria são mamíferos, sendo que cinco delas foram lembradas tanto pelos moradores mais velhos, quanto pelos que ainda caçam, as quais parecem ser as mais populares. Anta (*Tapirus terrestris*), porco-queixada (*Tayassu pecari*), caititu (*Pecari tajacu*), paca (*Cuniculus paca*) e cutia (*Dasyprocta sp.*) estão de fato entre as espécies mais caçadas nos territórios de povos e comunidades tradicionais (Figueiredo; Barros, 2015). Mas é interessante notar a ausência de Columbídeos (pombas, rolinhas) e Tinamídeos (inambus, codornas), entre as aves, que são representantes de grupos taxonômicos capturados com frequência para alimentação em outras comunidades rurais (Santos; Alves; Mendonça, 2018; Lopes; Gisloti, 2022; 'Reis *et al.*, 2022). Também dentre os quelônios, a captura para subsistência da tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*) e da tracajá (*P. unifilis*) na região amazônica tem estado

submetida à sobre-exploração (Fonseca *et al.*, 2020), mas não foi citada em Jacarequara. *P. expansa* encontra-se ameaçada, em decorrência da redução populacional, causada por apanha excessiva de ovos e fêmeas e pela instalação de hidrelétricas na Amazônia (Vogt *et al.*, 2023). As tracaças são também alvos da caça excessiva. Na Terra Indígena Beija-Flor (AM), moradores da vizinhança invadem seu território, para realizar caça ilegal dela e de outras espécies (Farias-Júnior; Sataré-Mawé; Menezes, 2024).

Quadro 1 – Lista das etnoespécies caçadas que os entrevistados mencionaram e provável correspondência com a nomenclatura zoológica acadêmica.

Etnoespécie/Espécie	Moradores mais velhos	Moradores que caçam
Jabuti (<i>Chelonoides sp.</i>)	X	X
Tartaruga Perema (<i>Mesoclemmys sp.</i>)		X
Jacaré-açú (<i>Melanosuchus niger</i>)	X	X
Jibóia (<i>Boa constrictor</i>)	X	
Jacuaçu (<i>Penelope sp.</i>)		X
Arancuã (<i>Ortalis superciliaris</i>)		X
Mutum (<i>Crax sp.</i>)		X
Papagaio (<i>Amazona sp.</i>)		X
Preguiça (Bradyrodidae)	X	
Tatu (Dasypodidae)	X	
Tatu Peba (<i>Euphractus sexcinctus</i>)		X
Tatuaçu ou Tatu-Canastra (<i>Priodontes maximus</i>)		X
Macaco (Primates)		X
Guariba (<i>Allouata sp.</i>)		X
Quati (<i>Nasua Nasua</i>)		X
Anta (<i>Tapirus terrestres</i>)	X	X
Porco queixada (<i>Pecari tajacu</i>)	X	X
Caititu (<i>Tayassu pecari</i>)	X	X
Veado (Cervidae)	X	
Capivara (<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>)		X
Paca (<i>Cuniculus paca</i>)	X	X
Cutia (<i>Dasyprocta sp.</i>)	X	X

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

O fato de ambas não terem sido citadas pelos quilombolas de Jacarequara, além de outros padrões de caça atuais que ainda são mantidos, podem estar refletindo os padrões anteriores de captura dentro da comunidade, bem como as condições do território em si, que está localizado entre grandes fazendas desmatadas. As populações da fauna silvestre respondem à pressão antrópica sobre o ambiente, o que se reflete na forma de redução do contingente populacional e/ou extinção local (Mateus; Higuchi, 2018; Fonseca *et al.*, 2020). Sendo assim, é importante “propor ações conjuntas e participativas que considerem aspectos socioculturais, econômicos e ambientais no ordenamento do recurso” (Oliveira *et al.*, 2018, p. 314). Como

parte desse tipo de proposta, o conhecimento local dos mais velhos e dos que ainda caçam no quilombo é de fundamental importância.

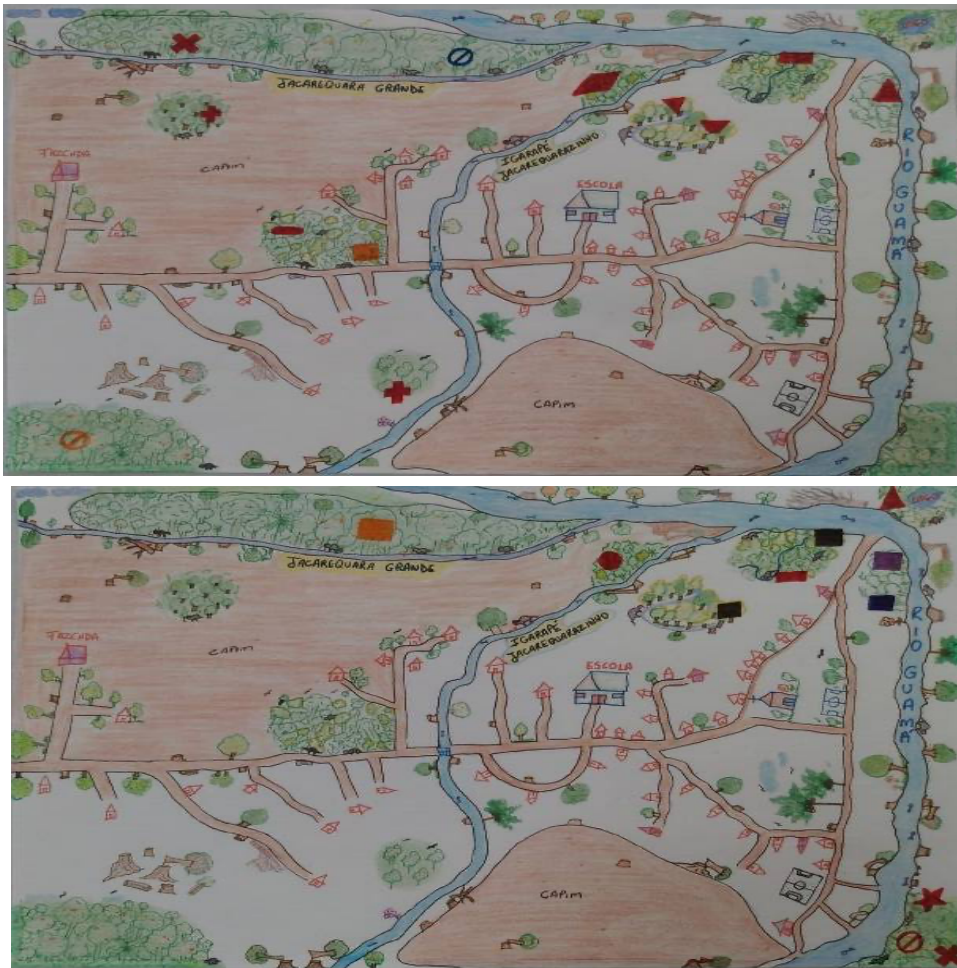
Os moradores que caçam deram detalhes sobre os locais de ocorrência das principais etnoespécies caçadas, indicando comportamentos delas que ajudam na sua localização pelo caçador. Os igarapés e rios foram apontados como referências do espaço, mas houve várias notificações de mamíferos em remanescentes florestais locais. Tais notificações compuseram as cartografias, nas quais, desenhos e símbolos indicam sítios onde os caçadores relatam ter observado as etnoespécies que dizem caçar (Figuras 1 e 2). A fauna sempre faz uso de territórios onde os recursos alimentares e as condições de abrigo necessários estão disponíveis. Sendo assim, o etnoconhecimento registrado nas cartografias compõe um aquilombamento epistêmico. Isso porque a experiência do aquilombamento permite resgatar um jeito coletivo e individual de ser, garantindo o direito humano universal e fundamental, composto por, dentre outros bens, de um ambiente saudável e de recursos sustentáveis (Rimoli *et al.*, 2023). O conhecimento ecológico do território e da fauna silvestre é parte de tal direito universal de aquilombar-se como estratégia de sobrevivência e resistência cultural.

Sendo assim, as informações dos moradores mais velhos e dos que caçam serviram como embasamento para um trabalho voltado à educação escolar. Afinal, auto-cartografias evidenciam o conhecimento pormenorizado de um território e dos recursos naturais, como animais, plantas e cursos d'água (Farias-Júnior; Sataré-Mawé; Menezes, 2024). Dessa forma, os saberes sobre a fauna organizados cartograficamente e na forma de narrativas têm importante função educacional. Isso porque a educação é uma ferramenta essencialmente indispensável na construção e desenvolvimento de todo e qualquer indivíduo dentro da sociedade. No processo de ensino-aprendizagem, inserido em uma comunidade tradicional, é necessário abordar saberes e ensinamentos culturais que pertencem a ela tradicionalmente, com uso de recursos didático-pedagógicos e conteúdos curriculares específicos para o contexto sociocultural local (Moraes-Ornellas, 2023). Um bom exemplo de processo que envolve os saberes e fazeres da comunidade é descrito para o quilombo Vale do Ribeira - SP, onde a formação escolar e dos cidadãos locais os possibilita a preservarem a diversidade local e a sustentabilidade, valorizando as práticas tradicionais, em virtude de metodologias educacionais empregadas pelos moradores (Fonseca, 2014).

Pensando na possibilidade de desenvolver também ações com finalidade educacional em torno dos dados obtidos sobre a fauna do quilombo de Jacarequara, buscou-se realizar uma atividade teórico-prática na escola local, envolvendo as turmas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. A intenção da atividade foi promover a integração dos conhecimentos científicos

e tradicionais, assegurando o contato direto das crianças com o contexto quilombola e a interdisciplinaridade nos espaços educacionais formal e não formal. Afinal, sabe-se que a escola se fundamenta como o lugar de aprendizagem e socialização entre os membros, de modo que estes adotem práticas responsáveis e posturas que assegurem ações diretamente ligadas ao meio ambiente (Moraes-Ornellas; Ornellas, 2023). É na escola que as primeiras nomenclaturas zoológicas são apresentadas às crianças, as quais são difíceis de aprender e de lembrar. Em geral, aves e mamíferos se sobressaem no estímulo à compreensão científica do estudo da fauna empregado como ferramenta de ensino de zoologia (LIMA, 2022).

Figura 1 – Cartografias desenhadas a partir dos entrevistados 1 e 2 que caçam, representando áreas de ocorrência de etnoespécies e elementos da paisagem quilombola.



Fonte: Pereira (2023).

Figura 2 – Cartografias desenhadas a partir dos entrevistados 3 e 4 que caçam, representando áreas de ocorrência de etnoespécies e elementos da paisagem quilombola.



Fonte: Pereira (2023).

Suas aparências e visibilidades instigam o interesse das pessoas. Pensando assim, propôs-se uma dinâmica na área externa da unidade escolar, a fim de começar promovendo um olhar investigativo entre os discentes da escola, aproximando-os da natureza local, com a contemplação da paisagem sociocultural (Figura 3). Logo após, todos foram direcionados para a sala de aula, dando sequência às atividades propostas, quando se fez o acompanhamento necessário do que estava sendo aplicado. Esta etapa consistia na tentativa de gerar uma visão mais ampla do assunto tratado, compondo-se de uma etapa na qual o educador se insere como um facilitador, garantindo aos discentes uma visão interdisciplinar, por meio de ações e métodos eficazes (Coelho; Pavan, 2022; Felix, 2024). De acordo com o que foi proposto, cabe ressaltar que a metodologia aplicada fez menção às práticas do cotidiano das crianças, possibilitando agregar valores, incorporados às observações.

Ao serem instruídos para a etapa posterior, o intuito era também de deixá-los à vontade, de modo a dar espaço para a desenvoltura e total engajamento deles nos procedimentos. Para isso, optou-se pela distribuição de algumas figuras impressas de etnoespécies da fauna silvestre que ocorrem no território, as quais foram selecionadas a partir dos resultados obtidos com os entrevistados que ainda caçam na comunidade. Além delas, foram incluídas também figuras de animais domésticos. O intuito foi de compreender o que as crianças sabiam a respeito do assunto, considerando as classificações delas para animais silvestres e domésticos. Essa mediação ocorreu de forma processual, sendo uma importante estratégia de avaliação, possibilitando conhecer seus conhecimentos e habilidades relacionados à referida temática. Partindo das indagações, foi possível perceber quais etnoespécies da fauna elas conheciam e, dependendo da necessidade, sempre se apresentavam alguns conceitos, explicando de forma objetiva e procurando trazer exemplificações do cotidiano para melhorar a abordagem. Atividades pedagógicas como esta são importantes recursos estimuladores da reestruturação das práticas de ensino, colaborando para uma educação mais sensível aos conhecimentos e práticas de povos e comunidades tradicionais (Zank *et al.*, 2023).

Figura 3 – Atividade na área externa da escola do quilombo Jacarequara



Fonte: Pereira (2023).

O que é mais importante é “a mobilização para defesa do território da subjetividade e humanidade de pessoas negras, fortalecendo, assim, a continuidade de um jeito negro de viver”, característico dos quilombos (Meireles, 2024, p. 106). A presente reflexão procura ir além do fato que o contato com as figuras das etnoespécies permitiu uma atenção mais aguçada dos discentes, que puderam perceber a diversidade característica da fauna silvestre que existe no quilombo, mesmo que de forma superficial (Figura 4). Foi um momento bastante entusiástico,

que permitiu aos educandos a troca de conhecimentos com seus colegas, a exposição de curiosidades, o compartilhamento de experiências, e o relato de situações vivenciadas no seu dia a dia, como histórias e lembranças de terem visto determinados animais na comunidade. Alguns lembraram que a caça é uma atividade cultural praticada pela própria família, pois, conforme citaram, eles comumente veem pais, irmãos, tios, entre outros moradores do quilombo praticarem tal atividade; ou mesmo teve os que puderam acompanhá-los em caçadas. Esse tipo de transmissão cultural é comum entre povos e comunidades tradicionais, o que se dá entre gerações, principalmente através da oralidade. Sendo, portanto, um conjunto de significações, as quais refletem nas memórias e identidades, além de contextualizarem o território como espaço de conexão e tradição cultural (Souza; Landim; Ferreira, 2022).

Figura 4 – Gravuras de animais distribuídos para os discentes da escola



Fonte: Pereira (2023).

A proposta educativa pode ser considerada afroreferenciada, sendo, conforme proposto por Meireles (2024, p. 106), “apoiada nas orientações legais que preveem a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e com foco no protagonismo negro”. Dentro de uma proposta assim, na continuidade da atividade na escola, pretendeu-se torná-la mais prática, procurando discutir e ampliar os conhecimentos específicos por meio artístico, especificamente através da criação de desenhos. Pensou-se em abrir espaço para que os discentes desenvolvessem livremente concepções acerca da paisagem sociocultural, caracterizando os animais silvestres e demonstrando as principais variações da ação antrópica dentro do quilombo (Ribas; Oliveira, 2024). Assim, foram disponibilizados aos estudantes materiais dos seguintes tipos: folhas de papel sulfite (tamanho A4 e cor branca), cartolina, tinta guache e lápis de cor. Esse foi o material utilizado para a confecção dos desenhos, fazendo-se aplicação de uma metodologia ativa (Figura 5). A aplicação desse tipo de metodologia, no processo de ensino-aprendizagem de

Ciências, potencializa o desenvolvimento do educando, estimulando além de um pensamento crítico, o aperfeiçoamento das habilidades interpessoais, atreladas à consciência ambiental (Luz, 2021).

Visando estimulá-los ainda mais, na medida que concluíam os desenhos, eles eram grampeados no barbante, denominado de “varal expositivo”, sendo possível obter, dessa forma, melhor visualização da produção artística dos estudantes. Considerando a importância de cada etapa da atividade, entende-se que ela dava seguimento ao processo formativo, potencializando a prática pedagógica. Com tal finalidade, a aula foi concluída com a participação dos alunos das turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, acompanhados da Professora responsável. Os discentes visitantes puderam prestigiar os trabalhos dos colegas, que os acolheram e apresentaram os resultados, realizando assim uma atividade específica que consistia em preencher um mural com as figuras dos animais domésticos e silvestres do quilombo, respectivamente. Tratou-se de um momento crucial a favor dos alunos, os protagonizando como importantes idealizadores do processo de ensino-aprendizagem (Damiano; Rezende, 2021; Pereira; SiMAS, 2023).

Figura 5 – Discentes desenhando animais silvestres, como parte da atividade proposta



Fonte: Pereira (2023).

Eles demonstraram saber diferenciar a fauna silvestre da doméstica, conhecendo alguns dos hábitos de algumas etnoespécies que lhes foram apresentadas. Além do que, observando a desenvoltura dos educandos, ficou perceptível o entendimento do que foi trabalhado, pelo fato de eles terem compartilhado o que aprenderam com os colegas, experiências essas obtidas com base nas teorias e práticas, bem como nos saberes tradicionais da comunidade. Isso corrobora com o que se compreende sobre a formação da cidadania por meio da educação, revelando uma

prática educativa consciente, que materializa as relações culturais construídas coletivamente (Borges; Silva; Rodrigues, 2021). Aplicando de tais conceitos na educação quilombola, a escola pode contribuir com a estruturação da comunidade em torno da diversidade de saberes e de valores pautados na preservação dos recursos naturais (Rosa; Gomes; Amado, 2024) e na promoção de uma formação antirracista e de autoconhecimento racial (Carvalho; Lopes, 2022), que contempla em seu currículo histórias, costumes e tradições existentes no quilombo.

4. Conclusões

Os moradores mais velhos e os que ainda caçam mostraram ter algum conhecimento compartilhado acerca de etnoespécies que consideram importantes para sua subsistência. Ao mesmo tempo, deixaram de considerar outras etnoespécies que geralmente são caçadas em comunidades tradicionais da Amazônia. Não se pode ter certeza se a ausência delas na memória biocultural local se deve ao seu desaparecimento na região e/ou a outro fator. De qualquer forma, tais saberes ecológicos constituem importante ponto de partida para toda e qualquer tentativa de se diagnosticar a estrutura da fauna silvestre dentro do território da comunidade quilombola de Jacarequara. Possivelmente com um aprofundamento das observações participantes, sejam descobertas as reais condições da presença e ausência de populações de espécies da fauna nativa, o que pode contribuir com o estabelecimento de planos de conservação e manejo, visando preservar a biodiversidade e, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade de vida quilombola.

Em torno de tal questão, os moradores que ainda caçam sabem com detalhes onde encontrar as etnoespécies que mencionaram na pesquisa. Eles reconhecem seus hábitos, preferências alimentares e locais de uso dentro do território do quilombo. Portanto, o aquilombamento epistêmico verificado é ecológico cultural, compreendendo a apreensão da realidade ecossistêmica a partir do olhar afrorreferenciado. Sendo assim, as cartografias desenhadas, a partir de tal conhecimento tradicional, correspondem a um referencial biocultural que tem grande valor patrimonial. Não só os desenhos em si são patrimônios, mas os saberes e fazeres que dão embasamento para o que eles representam. São representações da importância que povos, populações e comunidades tradicionais têm como componentes das florestas e dos rios da Amazônia. Afinal, quanto mais distanciadas da natureza, menor a intimidade que as sociedades humanas têm para com os sistemas naturais, a fauna e a flora.

Trabalhar na educação básica os conteúdos desenhados nas cartografias e conhecimentos ecológicos culturais obtidos através das narrativas fortalecem o aquilombamento epistêmico. Isso porque as gerações futuras são ensinadas a buscarem por

paralelos entre o conhecimento curricular, que lhes é proposto pelos parâmetros curriculares, e seu próprio contexto de vida. Dessa forma, elas podem continuar cultivando seus elos com a comunidade quilombola, o que garantirá que as futuras gerações continuem resguardando suas raízes africanas. Isso é fundamental para a sobrevivência da riqueza biocultural humana, bem como para a propagação de um quilombismo bem articulado e engajado. A etnoecologia da fauna mostrou que é possível tecer elos de pertencimento quilombola por meio da relação humano/natureza entre gerações, estimulando o interesse das crianças por suas origens culturais.

Referências

- ANJOS, R. S. A. O espaço geográfico dos remanescentes de antigos quilombos no Brasil. *Revista Brasil Extensão Universitária*, Rio de Janeiro, v.1, n.1 p. 52-57, 2003. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/GeografiaEspacial/02.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- AVIZ, M. F.; SANTOS-FITA, D. Conhecimentos e usos tradicionais associados aos recursos faunísticos na Comunidade Quilombola do Jacarequara (nordeste paraense, Amazônia Oriental). *Novos Cadernos do NAEA*, Belém, v. 26. n. 3, p. 17-42, set.-dez. 2023. <http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v26i3.14776>.
- BERGER, W.; NERY, J. C. Aquilombamento: raça e classe, resistências indígenas e negras na formação social brasileira frente à atual violação de direitos humanos. *Revista Ágora*, Vitória, v. 33, n. 2, p. 1-32, 2022. <https://doi.org/10.47456/e-2022330213>.
- BORGES, L. S.; SILVA, J. B. C.; RODRIGUES, D. S. Educação Ambiental e Cultura Quilombola: entre ausências de políticas públicas e práticas de resistência. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 430-449, 2021. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/vrycgfj24fg77ocrsuiposn654/access/wayback/https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/download/10806/8321>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- CARVALHO, M. A. S.; LOPES, K. C. C. Aquilombamento Neilyta: as potencialidades da discussão racial e valorização da estética negra na EEEP Francisca Neilyta Carneiro Albuquerque. *Revista Docentes*, Fortaleza, v. 8, n. 23, p. 11-16, 2023. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/940>. Acesso em: 6 nov. 2024.
- COELHO, E. G.; PAVAN, R. A formação do professor-pesquisador na Licenciatura em Ciências-Biologia e Química: a percepção de professores e licenciandos. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p. 229-253, 2022. <https://doi.org/10.5935/2238-1279.20210173>.
- CUNHA-JUNIOR, H. A. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá – PR, v. 11, n. 129, p. 158-167, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14999/8667>. Acesso em: 11 nov. 2024.

DAMIANO, M.; REZENDE, M. O. O. A transversalidade das ciências ambientais na alfabetização científica: o aluno como protagonista na construção do conhecimento. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 57302-57313, 2021.

<https://doi.org/10.34117/bjdv7n6-231>.

DIEGUES, A. C. *A ecologia política das grandes ONGs transnacionais conservacionistas*. São Paulo: Nupaub/USP, 2008.

FARIAS-JÚNIOR, E. A.; SATARÉ-MAWÉ, F. A.; MENEZES, E. S. A luta pela floresta e pela água: o processo de territorialização da Aldeia Beija-Flor. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre v. 18, n. 1, p. 218-239, 2024. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/136444/91905>. Acesso em: 6 nov. 2024.

FELIX, J. F. C. *Diversidade e prática docente quilombola: interlocuções entre o ensino de química e a Educação Intercultural*. 2024. 114 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemáticas) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

FERREIRA-ALVES, E. S.; SANTOS-FITA, D. Plantas alimentícias e as comidas no Quilombo de Jacarequara: agrobiodiversidade, segurança e soberania alimentar. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 27, n. 2, p. 267-299, maio-ago. 2024.

<http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v27i2.15361>.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F. B. “A comida que vem da mata”: conhecimentos tradicionais e práticas culturais de caçadores na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 193-212, 2015.

<https://doi.org/10.18224/frag.v25i2.4181>.

FONSECA, D. J. Protagonismo quilombola: seus sujeitos e seus saberes influenciando a educação. *Comunicações*, Piracicaba – SP, v.21, n. 1, p. 107-119, 2014.

<https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v21n1p107-119>.

FONSECA, R. A.; MELO, S.; MIORANDO, P. S.; PEZZUTI, J. C. B. Manejo e conservação de quelônios na Amazônia brasileira. *Paper do NAEA*, Belém, v. 1, n. 2, p. 11-22, 2020.

<http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v1i2.10389>.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVES, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: Uma leitura a partir da psicologia cultural. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 26, n. 1, p. 106-115, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100012>.

LEITE, I. B. Territórios de Negros em Área Rural e Urbana: algumas questões. In: LEITE, I. B. (Ed.). *Terras e Territórios de Negros no Brasil*. Florianópolis: Textos e Debates, 1990. p. 39-46.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, Lisboa, v. 4, n. 2, 2000. <https://doi.org/10.4000/etnografica.2769>.

LIMA, J. L. P. *Método científico utilizando a etnozootologia como estratégia para o ensino de Zoologia dos Vertebrados*. 2022. 162 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biologia) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2022.

LOPES, I. G.; GISLOTI, L. J. A caça e os caçadores Kaiowá da Aldeia Pirakua: uma reflexão na perspectiva da Etnobiologia. *Ethnoscintia – Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia*, a. 7, n. 2, p. 79-100, 2022. <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v7i2/12749>.

LUZ, D. T. *Reflexos do tráfico de animais silvestres a biodiversidade brasileira*. 2021. 19 p. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

MALCHER, M. A. F. *A Geografia da Territorialidade Quilombola na Microrregião de Tomé-açu: o caso da Arquinec– Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos Nova Esperança de Concórdia do Pará*. (Trabalho de Conclusão de Curso) - CEFET, Belém. 2006.

MARQUES, A. S.; BERNARDES, B. M.; BORSAGLI, A. A política patrimonial e as comunidades quilombolas no Vale Médio do Rio São Francisco – MG. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v. 29, n. 43, p. 234-272, 2022. <https://doi.org/10.5752/P.2316-1752.2022v29n43p234-272>.

MARQUES, C. E. De quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 339-374, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012009000100009>.

MARQUES-FILHO, E. G. Proteção jurídica da biodiversidade e dos conhecimentos tradicionais associados em comunidades quilombolas no Piauí. *Revista Esperança Garcia*, Teresina, v. 1. n. 1, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://revista.esperancagarcia.uespi.br/index.php/reg/article/view/1/5>. Acesso em: 30 out. 2024.

MATEUS, W. D.; HIGUCHI, M. I. G. Processos estruturais do manejo e conservação da fauna silvestre em risco de extinção: casos amazônicos. *Sustentabilidade em Debate*, Brasília – DF, v. 9, n. 3, p. 64-78, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231200208.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MEIRELES, H. S. Pretagorias afroreferenciadas: a prática do apoderamento no coletivo quilombelas e a cultura negra no espaço escolar. *Revista Mosaico*, Vassouras – RJ, v. 17, n. 1, p. 95-106, 2024. <https://doi.org/10.18224/mos.v17i1.13924>.

MORAES-ORNELLAS, V. S. Etnopsicanálise, povos e comunidades tradicionais: o papel da escuta na prática docente da educação diferenciada. *Revista Diversidade e Educação*, Rio Grande – RS, v. 11, n. 1, p. 785-806, 2023. <https://doi.org/10.14295/de.v11i1.15364>.

MORAES-ORNELLAS, V. S.; ORNELLAS, R. B. A Produção Mais Limpa no ambiente educacional como ferramenta da abordagem CTSA. In: CASTRO, M. D'O.; SANTOS, F. E. A. (Orgs.). *Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão*. v. 12. Belém: EAUFPA, 2023. p. 41-54.

MORAES-ORNELLAS, V. S.; SANTOS, I. L. S.; FERNANDES, M. B. Ecologia cultural da Comunidade Quilombola do Torres, Tracuateua – PA. *Revista GeoAmazônia*, Altamira – PA, v. 11, n. 22, p. 117-143, 2023. <http://dx.doi.org/10.18542/geo.v11i22.14683>.

NASCIMENTO, A. *O Quilombismo: documentos de uma militância panafricanista*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1980.

OLIVEIRA, P. A.; PEIXOTO, A. C. S. A importância da memória para a (re)construção da identidade quilombola: a experiência do Quilombo da Rua de Palha (Itororó/BA). *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, Curitiba, v. 12, n. ed. esp., p. 711-733, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/916/858>. Acesso em: 11 nov. 2024.

OLIVEIRA, R. D.; CALOURO, A. M.; BOTELHO, A. L. M.; OLIVEIRA, M. A. Calendário de caça na gestão da fauna cinegética amazônica: implicações e recomendações. *Biodiversidade Brasileira*, Brasília – DF, v. 8, n. 2, p. 304-316, 2018. <https://doi.org/10.37002/biodiversidadebrasileira.v8i2.788>.

PEREIRA, A. B. C.; MORAES-ORNELLAS, V. S. Levantamento Ecológico Cultural na Comunidade Quilombola de Jacarequara, Santa Luzia-PA. In: DIAS, M. P.; FORMIGOSA, M. M. (Orgs.). *Etnodiversidade: 10 anos de luta por uma Universidade plural*. Altamira: FACETNO, 2022. p. 96-110.

PEREIRA, A. B. C.; MORAES-ORNELLAS, V. S.; ORNELLAS, R. B. Cartografia da fauna silvestre em um território quilombola do nordeste paraense. In: SIMPÓSIO DE INTEGRAÇÃO DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS, 3., 2022, Altamira – PA. *Anais [...]*. Altamira: UFPA, 2022, p. 20.

PEREIRA, L. B.; SIMAS, H. C. P. *Educação escolar e saberes tradicionais quilombolas* [recurso eletrônico]. Manaus/AM: EDUA, 2023. 296 p. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/handle/123456789/7333>. Acesso em: 6 jun. 2024.

REIS, Y. M. S.; SOARES, C. C. M.; MADURO, R.; SPINOLA, J. N.; ROCHA, B. D. O padrão da caça de subsistência em uma Reserva Extrativista na Amazônia Oriental, Brasil. *Etnobiologia*, Morelos – México, v. 20, n. 1, p. 18-26, 2022. Disponível em: <https://www.revistaetnobiologia.mx/index.php/etno/article/view/415/438>. Acessado em: 6 nov. 2024.

RIBAS, J. O.; OLIVEIRA, S. K. S. Ensino de ciências para aluno surdo do 3º ano do Ensino Fundamental I em uma escola municipal de Boa Vista/Roraima. *Ensino de Ciências*, Campina Grande – PB, v. 2, p.358-382, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2023/GT16/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD5_ID17083_TB3761_15082023223230.pdf. Acesso em: 11 nov. 2024.

RIMOLI, T. M.; SANTOS, A. P. M. B.; PIRES, L. J. A.; MENDES, E. C. Aquilombamento como ferramenta de resistência e promoção de saúde da população negra. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*, Feira de Santana – BA, v. 13, n. 2, 2023. <https://doi.org/10.13102/rscdauefs.v13i2.9284>.

ROSA, D. L.; GOMES, J. L. O.; AMADO, M. V. Do racismo ambiental aos saberes socioambientais: diálogo entre mestres dos saberes e sujeitos aprendentes na comunidade quilombola do degredo. *Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino*, Vitória, n. 17, p. 186-201, 2024. <https://doi.org/10.47456/krkr.v1i17.44551>.

SALOMÃO, F.V.; CASTRO, C. V. A identidade quilombola: Territorialidade Étnica e Proteção Jurídica. *Cadernos do programa de Pós- Graduação em Direito- PPGDir./UFRGS*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 236-255, 2018. <https://doi.org/10.22456/2317-8558.73034>.

SANTOS, S. L.; ALVES, R. R. N.; MENDONÇA, L. E. T. Fauna silvestre utilizada em comunidades rurais no semiárido paraibano. *Biodiversidade Brasileira*, Brasília – DF, v. 8, n. 2, p. 149-162, 2018. <https://doi.org/10.37002/biodiversidadebrasileira.v8i2.733>.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: Identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente e Sociedade*, São Paulo, v.5, n.10, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2002000100008>.

SILVA, D. O. Os desafios da posse da terra para os patrimônios alimentares de quilombos em Goiás. *Revista de Alimentação e Cultura das Américas*, Brasília - DF. 3, n. 2, p. 8-22, 2022. <https://doi.org/10.35953/raca.v3i2.143>.

SOUZA, J. M.; LANDIM, A. S.; FERREIRA, F. S. A caça e fatores que influenciam o uso de espécies cinegéticas: uma revisão. *Ethnoscientia – Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia*, Belém, v. 7, n. 3, p. 36-61, 2022. <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscientia.v7i3.12075>.

VASCONCELOS, A. C; JOB, S. M. Quilombo de Jacarequara: Recriando sua história. In: COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB, 1, 2014, Belém. *Anais [...]*. Belém: FALE/CUMB, 2014. Disponível em: https://coloqueletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/5_VASCO.pdf. Acesso em: 26 jun., 2024.

VOGT, R.; BATAUS, Y.S.L.; RODRIGUES, J.; UHLIG, V.M.; BALESTRA, R.A.M.; BARRETO, L.N.; BRESSAN, R.F.; BRITO, E.S.; CARVALHO, V.T.; FALCON, G.B.; FERRARA, C.R.; MARQUES, T.S.; MATIAS, F.; SOUZA, F.L.; TINÔCO, M.S.; VALADÃO, R.M. *Podocnemis expansa*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade - SALVE. 2023. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20838>.

ZANK, S.; ROMANOWSKI, L. L.; LUDWINSKY, R. H.; GONÇALVES, M. C.; PERONI, N.; HANAZAKI, N. Diversidade biocultural na escola: fortalecendo as conexões entre a etnobiologia e a educação. *Ethnoscientia – Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia*, Belém, v. 8, n. 3, p. 108-117, 2023. <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscientia.v8i3.14916>.

Etnoecología de la fauna en la escuela de la comunidad quilombola de Jacarequara, Santa Luzia do Pará, Pará

Resumen

Las comunidades quilombolas desempeñan un importante papel social, especialmente en la preservación de los valores y la identidad sociocultural de los afrodescendientes y en la conservación de la biodiversidad. Con el fin de comprender cómo las diferentes generaciones del quilombo de Jacarequara, Santa Luzia do Pará, se relacionan con la fauna silvestre, se llevó a cabo un trabajo con los niños de la localidad. El presente artículo describe algunos procesos de construcción de la identidad quilombola observados, relacionándolos con la reinterpretación de costumbres y valores, como un acto de fortalecimiento, preservación de las tradiciones y valorización de los pueblos quilombolas. La investigación buscó conocer la historia de la comunidad y su situación actual, a través de entrevistas semiestructuradas, observación participante e investigación-acción, entre diciembre de 2019 y diciembre de 2023. Se llevó a cabo una secuencia didáctica en la escuela del quilombo, con el fin de provocar interacciones entre el proyecto de investigación ecológica cultural dirigido a los adultos y la enseñanza de las generaciones más jóvenes. Esta propuesta educativa se basó en las directrices legales de la Educación para las Relaciones Étnico-Raciales (ERER). Los niños mostraron interés y aceptaron la acción pedagógica en torno a la biodiversidad, a partir de la cual fue posible establecer una aproximación entre el contenido de la disciplina de Ciencias y el contexto local. Demostraron conocer algunas etnoespecies de la fauna autóctona, además de expresar sentimientos de pertenencia al territorio y conciencia de la necesidad de cuidar la naturaleza. Quedó claro que era necesario contextualizar la enseñanza para que no se perdiera la memoria biocultural quilombola, estimulando el interés de los niños por la conservación de la biodiversidad y las tradiciones del quilombo.

Palabras claves: Conocimiento tradicional quilombola; conservación de la naturaleza; etnobioidiversidad; fauna silvestre.

Ethnoécologie de la faune dans l'école de la communauté quilombola de Jacarequara, Santa Luzia do Pará, Pará

Résumé

Les communautés quilombolas jouent un rôle social important, notamment dans la préservation des valeurs et de l'identité socioculturelle des Afro-descendants et dans la conservation de la biodiversité. Afin de comprendre comment les différentes générations du quilombo de Jacarequara, à Santa Luzia do Pará, interagissent avec la faune sauvage, un travail a été mené auprès des enfants de la région. Le présent article décrit certains processus de construction de l'identité quilombola observés, en les reliant à la redéfinition des coutumes et des valeurs, comme un acte de renforcement, de préservation des traditions et de valorisation des peuples quilombolas. La recherche a visé à connaître l'histoire de la communauté et sa situation actuelle, à travers des entretiens semi-soutenus, l'observation participante et la recherche-action, entre décembre 2019 et décembre 2023. Une séquence didactique a été réalisée à l'école du quilombo, afin de susciter des interactions entre le projet de recherche écologique et culturelle destiné aux adultes et l'enseignement des jeunes générations. Cette proposition éducative s'inspirait des orientations légales de l'Éducation pour les Relations Ethnico-Raciales (ERER). Les enfants ont montré leur intérêt et leur adhésion à l'action pédagogique autour de la biodiversité, à partir de laquelle il a été possible de faire le lien entre le contenu de la discipline des sciences et le contexte local. Ils ont démontré connaître certaines espèces ethniques de la faune indigène, en plus d'avoir exprimé un sentiment d'appartenance au territoire et une conscience de la nécessité de prendre soin de la nature. Il est apparu évident qu'il était nécessaire de contextualiser l'enseignement afin que la mémoire bioculturelle des quilombolas ne se perde pas, en stimulant l'intérêt des enfants pour la conservation de la biodiversité et des traditions du quilombo.

Mots-clés: Connaissances traditionnelles des Quilombolas; conservation de la nature; ethnobioidiversité; faune et flore sauvages.

Ethnoecology of wildlife in the school of the quilombola community of Jacarequara, Santa Luzia do Pará, Pará

Abstract

Quilombo communities play an important social role, especially in preserving the values and sociocultural identity of Afro-descendants and conserving biodiversity. In order to understand how different generations of the Jacarequara quilombo in Santa Luzia do Pará relate to wildlife, a study was conducted with local children. This article describes some of the processes of quilombo identity construction that were observed, relating them to the reinterpretation of customs and values as an act of strengthening, preserving traditions, and valuing quilombo peoples. The research aimed to understand the history of the community and its current situation through semi-structured interviews, participant observation, and action research between December 2019 and December 2023. A didactic sequence was carried out at the quilombo school in order to foster interactions between the cultural ecological research project targeting adults and the teaching of younger generations. This educational proposal was Afro-referenced, based on the legal guidelines of Education for Ethnic-Racial Relations (ERER). The children showed interest and acceptance for the pedagogical action around biodiversity, from which it was possible to make a connection between the content taught in the Science discipline and the local context. They demonstrated knowledge of some native fauna etno-species, in addition to expressing feelings of belonging to the territory and awareness of the need to care for nature. It became clear that it was necessary to contextualize teaching so that the quilombo biocultural memory is not lost, stimulating children's interest in the conservation of biodiversity and quilombo traditions.

Keywords: Quilombola traditional knowledge; nature conservation; ethnobiodiversity; wildlife.